

Teresa Lacerda

Palavras-chaves: Brasil; Holandeses, Mestiços; Discursos.

Título: Discursos da «Insurreição Pernambucana»

Resumo:

Em 1630, os holandeses estabeleciam-se no nordeste brasileiro, desapossando as autoridades portuguesas. No entanto, a presença lusa criará raízes. A mestiçagem biológica e cultural fora um dos principais veículos da colonização. Os povoadores não só se cruzavam com índias e negras, como estabeleciam alianças com diversas tribos. Havia uma prática que valorizava a importância do contributo local para a construção da colónia. Muitos dos portugueses que tinham partido para o Brasil desvincularam-se dos seus compromissos no Reino, vendendo frequentemente os bens que aí dispunham, aplicando todo o seu esforço na «Nova Lusitânia». Esta estreita relação destes indivíduos com a terra conduziu a atitudes discrepantes por parte dos «pernambucanos» para com os neerlandeses. Muitos resistiram, recuando para o sertão, outros optaram por colaborar com a nova ordem. Uma e outra postura revelavam uma grande autonomia em relação à metrópole. Essa independência foi um dos factores determinantes na «Insurreição Pernambucana».

Com a partida do célebre governador holandês Maurício de Nassau para a Europa, a Companhia Holandesa das Índias Ocidentais impôs medidas muito duras aos latifundiários pernambucanos. Em 1645 rebentou o primeiro foco da revolta, liderada por André Vidal de Negreiros e João Fernandes Vieira. O movimento usufruiu ainda da liderança do negro Henrique Dias e do índio Filipe Camarão. Segundo Charles Boxer, o grande desgosto dos holandeses por se verem desapossados da sua colónia americana foi acrescido por terem sido derrotados por um exército maioritariamente de mestiços, índios e negros, o que sublinha o aspecto local da sublevação.

Os revoltosos receberam um tímido apoio de Portugal que, no contexto das guerras da Restauração, não podia abrir uma nova frente de combate. A relação com a Holanda era particularmente ambígua, uma vez que na Europa tinham a Espanha como inimigo comum, mas no Atlântico e no Índico as duas potências eram concorrentes. Não obstante, o cenário começou a mudar lentamente e, em Lisboa, passou-se a acreditar que seria possível reconquistar Pernambuco. Esse ânimo chegava do outro lado do Atlântico.

A presente comunicação pretende analisar a correspondência enviada do Brasil para Lisboa, entre os anos de 1645 a 1654, procurando apurar os discursos dos «pernambucanos» do ponto de vista da identidade e da sua relação com Portugal. Ou seja, levantam-se as seguintes perguntas: quais as representações construídas pelos «pernambucanos» sobre o Pernambuco? E como essas imagens se articulavam com as produzidas sobre Portugal e o Rei? Por outro lado, investigasse o modo como a periferia pressionou o centro, indo ao encontro de uma das preocupações da historiografia recente.